Glymoria Sammya – *rainha e feiticeira do mundo de Doran*

por Christian Sergi

As colunas frias do salão ecoam sua respiração como se fossem testemunhas do fardo que ela carrega. Nasceu das mãos de um deus, esculpida em pedra fria e escura, dada como presente a Galeya, que a recebeu como filha amada acima de muitos. Como se fosse nascida do próprio ventre da mãe santa a pequena Glymoria, veio para ser inimiga, forjada no solo de um mundo distante como lâmina destinada a perfurar e sangrar o coração de sua mãe. O sangue que corre em suas veias não é o mesmo que corre em Galeya, o de Glymoria arde como ferro incandescente, carregando ódio e fome de guerra, enquanto que o sangue da deusa traz o odor do passado, a fraqueza do perdão e do amor.

Por séculos ergueu seu trono não com o ouro vil dos mortais, mas com ossos arrancados dos que ousaram negar-lhe reverência. Cada vértebra, cada fêmur, cada crânio que sustenta seu assento é lembrança de que poder não se pede: toma-se. O mármore frio não teria força para sustentar sua presença. Ela quis carne, quis sangue coagulado, quis pedras arrancadas das cavernas onde as almas gritam noite e dia. A cada degrau que leva ao seu trono, pulsa o eco de um grito, um suspiro de morte. E quando se senta nele, sente o peso do mundo inclinar-se para ouvir suas ordens e cantar seus feitos de guerra.

Ela não está só nesta ascensão. Há séculos, Trykella a serve. Uma fada de pele pálida e olhos fundos, outrora amaldiçoada pelas terras de Cemitae, encontrou na rainha vingativa a quem devotar sua imortalidade. Seus olhos ardem como brasas soterradas, sua voz é a melodia de um bosque queimado. Ela dança entre a luz e a treva, balançando seus negros cabelos arrepiados para o céu, seu rosto pintado de sombras roubadas de uma noite sem estrelas, dentes e unhas negras como breu e feitas de ferro frio. a sinistra fada caida serve e segue a mestra e sua fidelidade jamais vacilou. Em noites em que o coração, de Glymoria ainda que endurecido, ameaça fraquejar, é ela quem a recorda: “Senhora, não fostes feita para amar, e sim para pisar o orgulho de reis e esmagar o pescoço dos que lhe desafiam.”

E vencer, para ela, é mais que subjugar. É guerrear até destruir Galeya, arrancar-lhe de seu trono humilha-la diante das nações erguer sua coroa santa como se fosse um estandarte. Querendo que os povos não apenas se prostrem, mas aprendam a amar o

medo de pronunciar seu nome: Glymoria. Que ele se torne oração e maldição em uma só palavra.

Foi então, quando seu desejo se solidificava como pedra eterna, que Kuryus se aproximou. Não caminhou como homem, não surgiu como besta, mas como sombra erguida do nada. Suas órbitas vazias refletiam sua submissão a Glymoria, e sua voz soava como a lâmina que corta a carne e o silêncio ao mesmo tempo.

— “Rainha,” disse ele, “vi os ossos que se amontoam sob vossa glória, e vi que não há fim senão a destruição da mãe que vos gerou. Ofereço-me não como súdito, mas como espectro que só encontra repouso no vosso triunfo. Deixai-me servir-vos. Eu serei vosso arauto no reino dos mortos.”

Ela o aceitou sem hesitação, pois o destino não se constrói com recusas. Agora Kuryus é seu mensageiro, um vulto que se arrasta pelos campos antes de suas legiões, levando desespero aos que sequer ousam empunhar espada contra ela.

Esta é sua vida: um juramento de aço e trevas. Pois Glymoria não existe para perpetuar linhagem ou para ornamentar um trono com jóias. Seu trono já é feito de sangue e ossos. Ela existe para usurpar a eternidade de Galeya, ferir de morte seus filhos e reinar sobre os escombros do que um dia foi sagrado.

A rainha da noite diz – “Sei que minha mãe teme, ainda que não confesse. Pois quem gera sua própria destruição, nunca dorme em paz. E eu? Eu não durmo. Eu vigio. E enquanto vigio, o mundo se curva.”